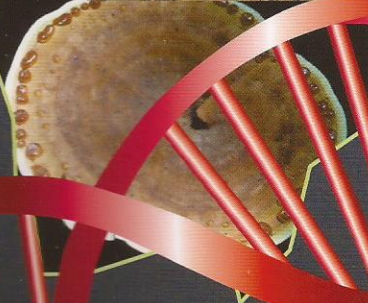
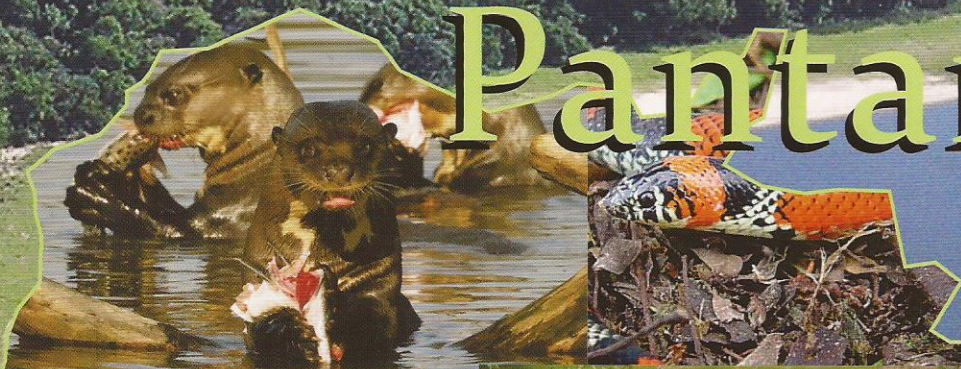


CIÊNCIA

Pantanal



O fogo NAS PASTAGENS: POUCAS VANTAGENS E MUITOS PREJUÍZOS!

Eng. Agr. Jurandir Melado


O uso do fogo no manejo das pastagens já foi uma prática intensamente usada pelos produtores rurais, principalmente os pecuaristas. Apesar dos riscos e dos prejuízos causados pelo fogo, a maior parte deles ocultos, as aparentes vantagens pareciam compensar todos os problemas. Apenas pareciam compensar...

Nos dias de hoje, porém, o uso do fogo no meio rural é desaconselhado em praticamente todas as situações, mesmo onde esta prática era utilizada rotineiramente.

Eu tenho uma longa história na busca por alternativas ao uso do fogo, que começou quando iniciei em 1987 na minha Fazenda Ecológica uma experiência de “Formação Ecológica de Pastagens no Cerrado”. A exclusão do manejo com fogo foi um dos fundamentos que permitiram a formação ecológica de pastagens na Fazenda Ecológica (www.fazendaecologica.com.br) que acabou fi-

cando conhecida como “Pastagem Ecológica”. Na Fazenda Ecológica, a Pastagem Ecológica foi formada sem o uso de procedimentos convencionais como o desmatamento do cerrado, a aração do solo e, principalmente, pelo manejo adequado da pastagem e do gado e a total exclusão do fogo.

A Pastagem Ecológica, que se revelou um grande sucesso na Fazenda Ecológica, foi amplamente divulgada através de videocurso, livros, inúmeros artigos e palestras e acabou despertando no ano 2000 atenção da coordenação do “Programa Fogo Emergência Crônica”, que lutava para reduzir o uso do fogo em pastagens na Região Amazônica. Em 1999 constatou-se que o fogo originado em queimadas mal controladas, era responsável pela origem de mais de 50 % dos incêndios florestais na Amazônia. Nesta época a região de Alta Floresta em MT sofria tremendamente com os efeitos das queimadas nas pastagens e os



incêndios florestais, que ocasionavam desde sérias doenças respiratórias na população até a interdição de aeroportos por causa da fumaça. O “Programa Fogo”, contribuiu em grande parte para a solução deste problema, pois, além de ajudar a equipar hospitais com materiais e equipamentos para tratar as doenças respiratórias, foi pioneiro na apresentação de alternativas ao uso do fogo, sendo uma das principais o correto manejo das pastagens com o conceito da Pastagem Ecológica e o Pastoreio Voisin.

Durante os trabalhos para o Programa Fogo (2000–2010), escrevi vários artigos argumentando contra o fogo e apresentando alternativas. Para acessar estes artigos, que foram publicados por diversos jornais e revistas, basta entrar no site da Fazenda Ecológica (citado acima), ir ao link “Publicações” e pesquisar por “Fogo”. A tônica de todas estas publicações é sempre a mesma: o fogo

apresenta poucas e discutíveis vantagens e resulta em inúmeras e graves desvantagens.

Das vantagens apresentadas em defesa do fogo, a principal é a limpeza das pastagens de forma fácil e econômica, eliminando a sobra de pasto e estimulando a brotação nova do capim. Esta vantagem é apenas aparente, pois os prejuízos causados pelo fogo anulam completamente. Explico por que: um importante componente na fertilidade de um solo é o seu teor de matéria orgânica. E o fogo tem a terrível capacidade de destruir restos vegetais existentes sobre o solo e de diminuir progressivamente o teor de matéria orgânica incorporada. Um solo rico em matéria orgânica tem maior capacidade de absorver e reter as águas das chuvas, contribuindo para que o solo permaneça úmido por um período maior após cada chuva. Um solo rico em matéria orgânica e mais úmido é mais propício ao desenvolvimento

da biocenose (vida do solo), que é fundamental na decomposição dos restos vegetais, contribuindo também decisivamente para a disponibilização para as plantas de nutrientes existentes no solo em forma indisponível.

Existia também a ideia (errada) de que o fogo era benéfico para o desenvolvimento do capim. Esta é outra falácia que é facilmente desmontada! Quando se usa o fogo nas pastagens para eliminar a parte não consumida pelo gado, realmente é estimulada a brotação nova do capim. Mas este benefício é apenas aparente, pois as moitas de capim vão ficando progressivamente menos densas e mais esparsas; o solo fica mais exposto e com menos capacidade de absorver e reter a água das chuvas. Por outro lado, as melhores espécies de forrageiras são

pouco resistentes aos efeitos do fogo e vão sendo progressivamente substituídas por espécies mais resistentes, ou seja, mais grosseiras e menos produtivas. Na contabilidade final, os prejuízos são muito maiores que as aparentes vantagens!!

O aconselhável nesta situação é promover, quando necessário, uma roçada das partes velhas e não consumidas do pasto, possibilitando a utilização destes restos vegetais para melhorar a cobertura (proteção) do solo e alimentar a biocenose, contribuindo assim para a melhor proteção do solo diminuindo a erosão e contribuindo para a elevação da sua fertilidade.

Com tudo isto, foi com muita convicção que eu escrevi em um artigo de 2001 e que repito agora com a mesma ênfase:

“Usar o fogo como manejo no meio rural é semelhante a tratar (cauterizar) uma ferida com um ferro em brasa. Pode ter havido no passado, justificativas para o uso destas duas medidas drásticas, mas hoje nada mais as justificam!”

Jurandir Melado



Brotação de capim após uma queimada:
Moitas cada vez menos densas e mais esparsas.



Bezerro morto em queimada que escapou do controle

